

INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS

*REVISTA DE HISTÓRIA  
DAS IDEIAS*

VOL. I



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1977

JACQUES GODECHOT, *La Contre-Révolution, 1789-1804*. P.U.F., Paris, 1961, de 426 pp.

O nome de Jacques Godechot, historiador de instituições, estruturas e conjunturas que marcaram o início do mundo contemporâneo, autor de muitas obras, algumas das quais recentemente publicadas, investigador de renome, não deixa dúvidas quanto ao interesse do estudo que apresentamos, já editado há mais de um decénio. Trata-se de um trabalho sobre assunto de difícil abordagem pelas coordenadas políticas que implica. Sendo a Contra-Revolução, fundamentalmente na sua forma mais radical, uma reacção ao espírito liberal ou liberalizante que tomou vulto nos fins do século XVIII, tem sido esquecida em prejuízo dos movimentos e ideologias *revolucionárias*, ou então tem sido estudada sem isenção e sem espírito científico, particularmente por autores que a encararam como acção plena de verdade política, justa reacção a ideais destruidores da Tradição e da Ordem. É o próprio Godechot que nos relata tal situação: «L'idéologie et l'action de la contre-révolution ont été peu traitées et très mal étudiées en général dans le monde et, en particulier, en France. A quoi cela tient-il? Ceux des historiens qu'on appelle généralement historiens de gauche, se sont attachés surtout à étudier le mouvement révolutionnaire et les idées des «patriotes». Les historiens de droite, moins nombreux d'ailleurs, lorsqu'ils ont écrit, ont fait le plus souvent oeuvre apologétique; ils ont rédigé l'éloge des contre-révolutionnaires; de plus, ces historiens souvent recrutés hors de l'Université, manquaient de méthode, ils n'avaient pas une préparation suffisante. De sorte qu'en France les travaux sur la contre-révolution sont insuffisants et médiocres». Portanto, a obra de Godechot aparece-nos como tentativa de estudo científico, objectivo pois, do movimento da Contra-Revolução, circunscrito, todavia, aos anos de 1789-1804.

Procurando abarcar o problema em toda a perspectiva, Godechot não se limitou, pois, como anteriormente o fizeram E. Vingtrinier (*La Contre-Révolution*, Paris, 1924) e L. Madelin (*La Contre-Révolution sous la Révolution*, Paris, 1935), a encará-lo apenas pelo ponto de vista de *actividade e movimento político* descurando o aspecto ideológico. Tratou-o antes nos dois planos *Doutrina-Acção*, que constituem, assim, as duas partes de que se compõe a obra.

Logo no início da primeira (Cap. I) procura abordar, segundo planos gerais mas elucidativos, o difícil problema das fontes das doutrinas contra-revolucionárias francesas, referindo-se a três grandes correntes ideológicas: o *Conservantismo histórico*, o *Despotismo esclarecido* e o *Absolutismo integral*. Desta forma, Godechot apontava já também para a formação de diversos tipos de doutrina contra-revolucionária, mais ou menos conservadores, articulados com influências diversas e diferentes estruturas sócio-económico-políticas. Assim, ao abordar seguidamente (Cap. II) a acção reaccionária à Revolução de 89, nota, para além do programa régio, a existência duma direita mais moderada e de uma direita extrema. Entrando depois propriamente no campo da teoria contra-revolucionária, Godechot analisa com brevidade as ideias e a acção de alguns nomes de panfletários e doutrinários franceses: Rivarol, Ferrand, Sénac de Meilhan, Barruel e Duvoisin (Cap. III). O nome de E. Burke, cuja obra, *Reflections on the French Revolution*, logo publi-

cada em 1790, teve, por assim dizer, uma difusão ímpar em todo o mundo como elemento de base a uma estruturação mental contra-revolucionária, mereceu todo um capítulo da obra de Godechot (Cap. IV), bem como Mallet du Pan que, com Burke, foi um dos autores de acção doutrinal contra-revolucionária com maior reputação (Cap. V). Segue-se (Cap. VI) uma análise breve do pensamento de José de Maistre e de Luís de Bonald, autores que engloba na designação geral de «teocratas», o que, se é perfeitamente válido quanto ao segundo, nos parece — permitindo-nos dizer — um tanto simplista relativamente ao primeiro, pois o pensamento de Maistre, como parece já ter sido suficientemente provado (cfr. F. Bayle, *Les idées politiques de Joseph de Maistre*, Lyon, 1944), ultrapassa o sentido teocrático, que lhe serve de fundamentação metafísica, para ser fundamentalmente positivo, experimental, precursor, e já em parte teorizador, da concepção maurrasiana de «politique d'abord». No Cap. VII, Godechot volta-se para a Alemanha onde, desde muito cedo — anteriormente à Revolução Francesa —, se formara um movimento de reacção às luzes, à *Aufklärung*. Herder e Moser, Brandés e Rehberg (que sentiram a influência de Burke) e Frederico de Gentz, são os autores particularmente estudados. Finalmente, no Cap. VIII, apresenta-nos o pensamento de Chateaubriand anterior a 1804. Tal limitação cronológica relativamente a um autor como Chateaubriand, cuja personalidade tão complexa só é possível compreender em toda a sua linha evolutiva, necessariamente havia de trazer dificuldades ao autor e, assim, a exposição resulta naturalmente fraccionada e algo incompleta. Dá-nos uma ideia de algumas das suas obras, mas não da sua obra e da sua *personalidade política*.

A segunda parte, referente à *Acção contra-revolucionária*, apresenta-nos os diversos movimentos que se foram processando entre 1789 e 1804. A emigração, as suas características gerais e a sua actividade nos primeiros anos da Revolução, assunto que aliás já foi tratado em diversos trabalhos monográficos, é o primeiro tema abordado ali por Godechot (Cap. IX), a seguir ao que procura detectar as suas redes de informação, essenciais para uma actuação eficiente (Cap. X). Seguidamente, apresenta-nos o quadro das insurreições contra-revolucionárias de 1792 a 1795, no Oeste da França (Cap. XI) e no Sueste (Cap. XII). O Terror branco após a queda de Robespierre que marca, por assim dizer, o retrocesso do movimento revolucionário, e os movimentos de contra-revolução sob o Directório, são assuntos tratados nos capítulos seguintes (Caps. XIII e XIV). Depois, Godechot procura apresentar um quadro geral dos movimentos contra-revolucionários na Itália e nos países do Mediterrâneo, de 1790 a 1798, e nos países da Europa setentrional — Alemanha, Suíça e Bélgica — de 1795 a 1798 (Caps. XV e XVI). O grande assalto contra-revolucionário de 1799 e os movimentos de Contra-Revolução sob o Consulado são os últimos assuntos tratados (Caps. XVII e XVIII). Finalmente, uma *Conclusão* termina a obra de Godechot, na qual destaca dois pontos fundamentais: em primeiro lugar, o facto da ideologia contra-revolucionária não ter tido influência decisiva nos movimentos de Contra-Revolução da época estudada, tendo ela só se denunciado depois de 1814, de que data afinal o seu movimento vitorioso, e, em segundo lugar, o ponto morto em que se encontrava o movimento em 1804, para se pronunciar de novo só cerca de dez anos depois.

Como obra de síntese que é, *La Contre-Révolution*, de J. Godechot, apresenta talvez um plano pouco coeso constituído por compartimentos demasiado estanques

e desligados entre si. Além disso, para obra de síntese, parece prejudicada pela limitação cronológica. Tendo a Contra-Revolução tomado em França um sentido decisivo, quanto aos factos e à influência ideológica, só depois de 1814, a obra parece assim constantemente suscitar a ideia de necessidade de continuação. É, porém, um trabalho que marca presença, para além do mais, pela isenção e objectividade da sua investigação e que só por isso teria interesse em ser conhecida em Portugal onde, igualmente, tal como em França, a Contra-Revolução tem quase sido apenas objecto de estudos tendenciosos geralmente de limitado valor. Pode não ser, como diz o próprio Godechot, uma obra definitiva, mas é, sem dúvida, uma obra muito válida, que poderá vir a suscitar novos estudos científicos sobre o tema, que, apesar das transformações da história, continua a ser de grande actualidade.

LÚIS REIS TORRAL

**JOÃO MARQUES — José da Silva Tavares e a actividade contra-revolucionária no período do liberalismo, Póvoa de Varzim, 1975.**  
Separata do trabalho **Para um estudo da vida e obra de Fr. José da Sacra Família**, in «Boletim Cultural Póvoa de Varzim», vols. XII, (1973), pp. 281-322; XIII, (1974), pp. 201-305; XIII (1975), pp. 93-198.

Com a presente publicação, tirou do pó do esquecimento o Dr. João Marques, licenciado em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, a figura de José da Silva Tavares que, depois de professor, passou a chamar-se Fr. José da Sacra Família. O A. divide o trabalho em duas partes: a primeira sobre o homem e a segunda sobre a obra. Em apêndice, apresenta dois textos de Silva Tavares: a sua dissertação de doutoramento e o sermão que pregou na Capela da Universidade de Coimbra em 1824.

Na parte biográfica, desenvolve os seguintes capítulos: cidadão poveiro e frade agostinho, universitário e pedagogo, exílio em França, exílio na Inglaterra, estadia na Alemanha junto de D. Miguel, regresso a Inglaterra e pároco em Brentwood, doença e morte. Nascido em S. Miguel de Urgival (Barcelos), em 14 de Fevereiro de 1788, Silva Tavares professou na Ordem de Santo Agostinho (Grilos) em Lisboa, em 25 de Junho de 1805. Matriculou-se depois na Faculdade de Teologia da Universidade de Coimbra, tendo obtido o doutoramento em 1814.

O Dr. João Marques dá-nos os elementos necessários e indispensáveis para compreendermos melhor a vida da Faculdade de Teologia naquele período. Após a reforma pombalina, havia nela as cadeiras de História Eclesiástica, Teologia Dogmática (3), Teologia Moral, Teologia Litúrgica, Sagrada Escritura (2) e Instituições Canónicas.